

UNA MIRADA DE LONGO PRAZO SOBRE A RELAÇÃO DA ÍNDIA E O OCEANO INDICO: TERRITÓRIO, DINÁMICAS DE ACUMULAÇÃO E CAPACIDADES MILITARES

Autor/es: **Manuel GONZALO (UNGS-UFRJ, Brasil)**

e-mail: gonzalo.manolo@gmail.com

Resúmen:

O subcontinente indiano é reconhecido pela sua heterogeneidade geográfica, cultural, religiosa, e pela sua longa história (Metcalf e Metcalf, 2013, Chaudhuri, 1985). A história indiana inclui lances de absoluta vanguarda para a humanidade, como a criação da universidade de Nalanda durante a dinastia Gupta (310-510), ao mesmo tempo que períodos sujeitos a grãos de submissão substantivos, que foram centrais para a emergência do sistema interestatal capitalista que hoje conhecemos. Neste sentido, abordar a inserção da Índia num esquema global de expansão de poder de longo prazo, em um ensaio deste tipo, implica fazer recortes, deixar sem abordar centenárias discussões e apresenta um risco importante de demasiada simplificação. Não obstante, o objetivo das linhas que se seguem é traçar uma hipótese de trabalho acerca da relevância militar e econômica do Oceano Índico no início do século XXI. Assim, basicamente tentaremos mostrar que recém neste século a Índia pode aspirar a ter um poder relativamente autônomo e centralizado e, ao mesmo tempo, começar a ter uma não hegemônica embora estratégica presença militar no oceano Índico. Isto pode ser lido no marco de uma maior projeção regional da Índia, passando de uma estratégia de inserção internacional do tipo soft power, característica da política de não-alinhamento de Nehru, até outra com uma maior carga de poder militar, principalmente nuclear e naval. Embora, este processo começa a desenvolver-se com Indira Gandhi, se aprofunda a partir da chegada ao poder do Partido Popular Índio (BJP), a finais da década de 90 e, atualmente, através do atual primeiro ministro Narendra Modi.

Em termos conceituais, o ensaio se baseia em algumas das categorias e esquemas desenvolvidos em Fiori (2014, 2007, 2004). Em particular, para analisar a trajetória e inserção da Índia no esquema de poder global, se dará uma ênfase especial nos seguintes elementos: 1) a pressão competitiva entre poderes territoriais e extraterritoriais que se concretiza através de diferentes tentativas de "**cercar**" à Índia; 2) os processos de **centralização e fragmentação do poder territorial** dentro do subcontinente indiano; 3) o **fiscalismo militar**, como forma de financiamento endógeno da Companhia Britânica das Índias Orientais (a partir de agora, C BIO); 4) os **elementos religiosos** que possibilitaram alianças, disciplinaram internamente e geraram confrontações pelo domínio territorial, e 5) à importância do **poder militar** como determinante último da concorrência interestatal.

No plano metodológico-temporal, se adota uma visão de longo prazo, de inspiração braudelina (Braudel, 1987; 1996). Mais especificamente, a análise se estende desde 1498 até 2015 e se subdivide em três grandes períodos estruturantes da história indiana. O primeiro se inicia com a chegada de Vasco da Gama a Calicut, Índia, em 1498 e vai até o domínio de parte dos ingleses de Bengala (1757), na batalha de Plassey. Ao respeito, ao menos duas explicações devem ser feitas. Por um lado, a história da Índia é muito mais longa e rica que a escolhida para começar esta análise. Por outro, este recorte pode aparecer como carregado de uma "bias" demasiado eurocêntrico. Não obstante, se escolhe esta data com a explícita intenção de conectar a concorrência entre os proto-estados europeus, lá no século XV, na pré-história do capitalismo contemporâneo, com a evolução da trajetória histórica da Índia. Neste sentido, a partir da chegada de Vasco da Gama, a história da Índia vai permanecer ligada e permeada pelas forças que chegam do oceano Atlântico, seja Portugal, França, Holanda, Inglaterra ou, mais contemporaneamente, os Estados Unidos. Ao mesmo tempo, é relevante aclarar que este primeiro período de penetração e disputa das potências navais-imperiais européias, isto é, Portugal, França, Holanda e, posteriormente, Inglaterra pelo Oceano Índico, não inclui a penetração territorial dentro do subcontinente. Para trabalhar este período seguiremos principalmente a Panikkar (1953).

A penetração e consolidação territorial da Inglaterra no território indiano constituem o segundo período a ser esboçado neste ensaio (1757-1947). Primeiro, através da C BIO, e logo, mais "institucionalmente", na conformação do Raj Britânico. Os autores de referência serão Metcalf e Metcalf (2013), Chaudhuri (1985) e Dalrymple (2015).

Finalmente, o terceiro período se inicia depois da independência da Índia em 1947 e vai até nossos dias, onde as principais características da democracia indiana atual são construídas, a partir das tensões limítrofes com a China e Paquistão, no plano mais geral da guerra fria, entre a URSS e os Estados Unidos e atualmente na disputa entre a China e os Estados Unidos. A intenção do texto é chegar inclusive até o "tempo conjuntural", a final de 2015, ano que termina com a Índia como a economia com a maior taxa de crescimento do PIB do mundo e o terceiro maior gasto em defesa. As referências para este período serão mais variadas embora, Kaplan (2013, 2011, 2010) seja uma das principais.

Conclui-se enfatizando na relevância econômica e militar do Oceano Índico no século XXI e na paulatina embora real projeção da Índia sobre suas águas.